

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

CAROLINA POHLMANN DE OLIVEIRA

ODE AO SILÊNCIO

Porto Alegre

2018

Carolina Pohlmann de Oliveira

ODE AO SILÊNCIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Teatro, pelo curso de Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mesac Roberto Silveira Jr.

Porto Alegre

2018

Carolina Pohlmann de Oliveira

ODE AO SILÊNCIO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Teatro, pelo curso de Teatro da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em de de 2018.

Banca Examinadora

Orientador Prof. Dr. Mesac Roberto Silveira Jr.

Profa. Dra. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

Profa. Dra. Silvia Balestreri Nunes

Profa. Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos

O resto é silêncio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Mirna Spritzer pela sua ética e pelo seu apreço e seu cuidado com as palavras e com o silêncio. Agradeço ao mestre Irion Nolasco pelo seu olhar de diretor e por insistir na figura do diretor como um pedagogo. Agradeço ao meu orientador, Mesac Roberto Silveira Jr., por inspirar, instigar e encorajar, poeticamente, minha licenciatura.



Marcos IV, 23. Porto Alegre, 1988.

Dedico este trabalho aos meus pais, Angela Raffin Pohlmann e João Batista Diemer.

Sigo a profissão deles: arte-educadores.

RESUMO

“Ode ao silêncio” propõe um mergulho na poesia, para dar voz a um infinito silêncio. Sem tentar alcançar sentidos e significados, este trabalho busca sensibilizar seus leitores para uma escuta sensível. Além de ressaltar a importância da condição fundamental do vazio para a nossa existência, procuramos tratar com muito cuidado as palavras. Construído com poemas, prosas e com colagens de textos, de temáticas distintas, os escritos aqui presentes investigam caminhos possíveis para o indizível e para a reflexão. Um canto ao silêncio, um canto em silêncio, por um corpo preenchido de silêncios.

Palavras-chave: Escrita criativa, silêncio, palavras, corpo, escuta.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Swans (1956), Maurits Cornelis Escher;

Figura 2: KUNDALINI

Figura 3: Símbolo da medicina

Figura 4: Banda de Moebius; DNA; espiral;

INTRODUÇÃO

Ode ao silêncio não é uma descrição do silêncio, e sim, um canto ao silêncio. A voz deste texto está contagiada pelo silencioso, embriagada pela anti-língua, e por isso, preta de palavras. Em busca de uma razão desrespeitosa, que silencie o “logos”, ela luta em total contradição de fazer algum sentido. Quem conhece o silêncio das línguas cansadas? Os fios que tecem as costuras da própria forma, mas que também a cortam? Há silêncios que berram.

Mesclada entre o cotidiano, o interior, o cósmico, nossa zona de contaminação parece querer abrir espaço para que o outro a preencha de sentido. Por que falar em silêncio em tempos de censura? Quem tem voz? Quem tem razão? Por que não te calas? Seria possível falar em silêncio? Você tem o direito de permanecer calado.

Em breve uma página em branco

Em silêncio

Uma página pacífica

Uma página em branco em

PAZ

Supero minha indômita vontade de estar em silêncio

Meu silêncio, minha égide.

Como lágrimas no deserto,

as palavras esperam para serem ditas...

ODE AO SILÊNCIO

Ninguém falapar não interrompê-lo, mas quando escrevemos, seu espaço é evidente.

Não sei se há tantas flores

Com cores vibrantes, delicadas, exuberantes,

De perfumes indescritíveis,

Quanto existe de fezes, neste mundo

Mas sei que “onde cheira a merda, cheira a ser” (Antonin Artaud)

E como há uma tradição, no Teatro, na qual desejamos “Merda”

Antes de entrar em cena, antes de começar o espetáculo

Façamos o nosso ofício

A sublimação

A alquimia de transformar uma coisa em outra

Ou em estar entre uma ‘coisa’ e a ‘outra’

Ou em diversas

Ou em silêncio, que seja

Arrebatado entre

“Ser ou não ser”

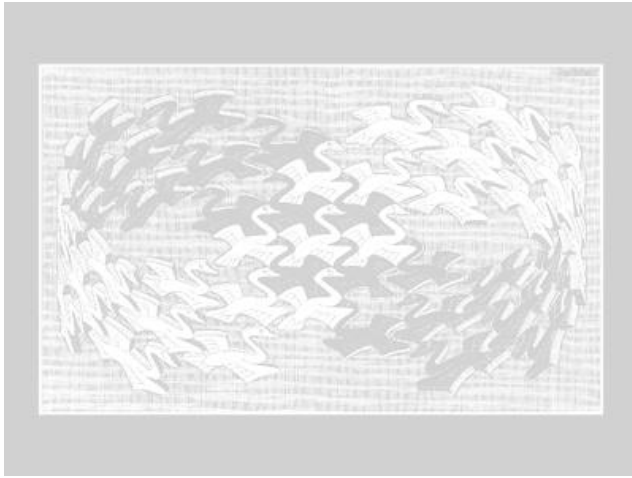


Figura 1



Figura 2



Figura 3

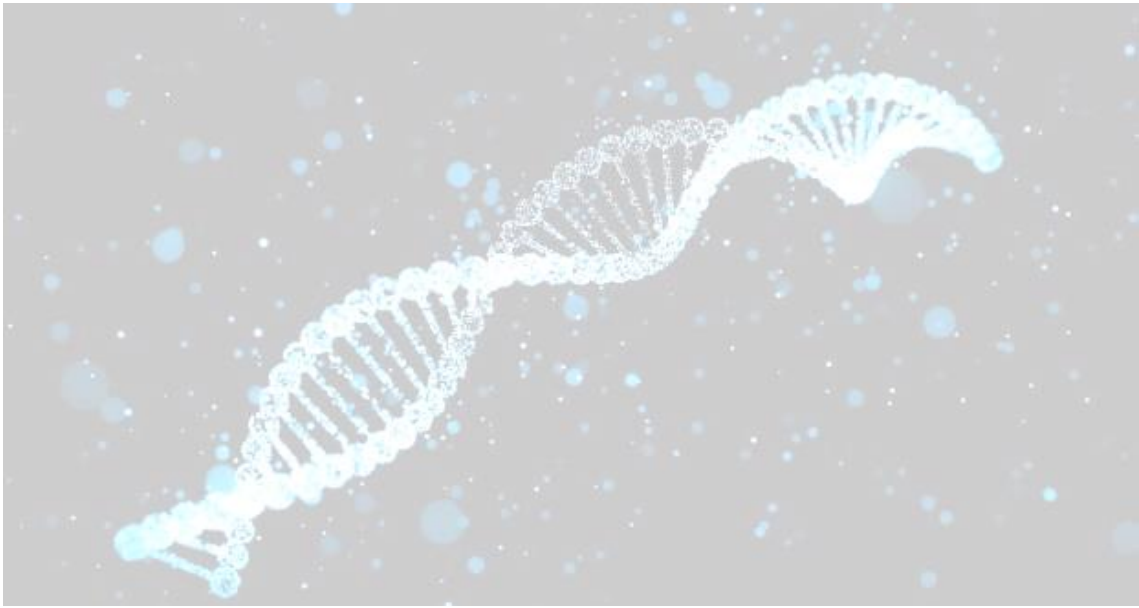


Figura 4

KUNDALINI

Respire profundamente

Por quanto tempo desejar

Ouçã o ritmo do seu coração pulsando em seu peito

O tórax expandindo e relaxando

"MAILING PIECE III

Send a wind around the world many times until it becomes a very delicate breeze." (Yoko Ono)

O lado esquerdo do corpo
O seu lado direito
O ar que penetra na narina esquerda
É o mesmo ar que entra pela direita?
Serpenteiam na oxigenação
Confundem-se entre si em espirais
No eixo da coluna vertebral
Entre os orifícios da cabeça e do quadril
Deslocamentos simultâneos na vertical
Do topo à base e vice-versa
Uma visão de parafuso aéreo, de Da Vinci,
Contudo, desta vez, internamente
Um parafuso dentro do outro
Como carros em um estacionamento
Que sobem e descem pela mesma estrutura
Contudo, usando vias distintas
A banda de Moebius
O símbolo do infinito
Fundidos
Com tudo
Transmutando o sangue do corpo
Oxigenando as células
Na medida exata
De hidrogênio
Para não pegarmos fogo por dentro
Mas no teatro é
Estar ardendo para inflamar, não é, Kusnet?

SENTIDOS

Saborear teus olhos

Ouvir tuas mãos

Tocar teu cheiro

Perfumar teu gosto

Observar tua escuta

“Tiempo Del Hombre

La partícula cósmica que navega en mi sangre

Es un mundo infinito de fuerzas siderales.

Vino a mí tras un largo camino de milenios

Cuando, tal vez, fui arena para los pies del aire.” (Atahualpa Yupanqui)

INSTITUTO DO CORAÇÃO

E eis que no saguão de entrada do Instituto do coração, um pianista começa a tocar o piano de cauda. A música era "Imagine"... E como por mágica, a cadeira de rodas que passava em frente à fila, que estava abaixo dos cristais do lustre, no centro do hall de entrada, que iluminavam os médicos, que corriam de um lado para o outro, e os demais pacientes que aguardavam para serem atendidos, além dos familiares e acompanhantes que esperavam para saber de alguma notícia, pareciam estar coreografados com a canção. Com o embalar daquelas notas, de repente, o ar ficou envolto por uma atmosfera de sonho, e nos deparamos com a preciosa arte de (re)existir.

"Você pode dizer que eu sou um sonhador, mas eu não sou o único." (John Lennon)

Por favor, não façam barulho no ambiente

GRAVANDO

Existe uma técnica, nas artes visuais, chamada gravura. No caso de minha mãe, seu trabalho é voltado para a gravura em metal, que consiste em cavar e desenhar com um instrumento pontiagudo a superfície da placa de metal, para criar vincos. Através destes vincos, com um mergulho no ácido, seus poros tornam-se mais e mais dilatados, e quanto mais tempo de exposição, maiores são os seus rastros. Assim, limpa-se a placa, entinta-se e com um papel úmido, como cobertor, ela repousa em uma prensa. Aquela tinta que entrou no fundo das suas ranhuras é arrancada e sugada para o papel, após um barulho estrondoso de um rolo compressor específico para isso, que é a alma da prensa.

Há um tanto dessa técnica em mim, no meu corpo. Eu fui ajudante no atelier de minha mãe desde bem cedo. Eu era responsável por molhar os papéis e depois secá-los. Contudo, sinto que ela ultrapassa a dimensão concreta das tintas, da placa, do metal, do ácido, da prensa. De fato, desde muito cedo me diziam que eu era muito parecida com minha mãe, a ponto de seus colegas de trabalho me dizerem que ela era a matriz e eu a cópia, fazendo uma metáfora à gravura em metal. Além disso, estas imagens de desenhos na pele, de vincos que carregamos na alma, possível de se fazer pensando em nosso próprio corpo como uma matriz e com o que experimentamos como o que nos funda, atravessa-nos, fura-nos, até o limite do nosso domínio, ou de nosso inconsciente.

Nunca mais depois de desenhada e impressa se repetirá igual uma a outra gravura. Artesanalmente feita. Assim como uma das leis que guiam nossa existência é a lei de que a única constância é a mudança. Viver é um caminho sem volta, e mais do que isso, por mais que tenhamos a sensação que estamos dando voltas no mesmo lugar, e de fato a terra possui seu movimento de rotação ao redor do próprio eixo, a mudança é constante. Na incessante e eterna criação teatral, insisto nas técnicas, pois como minha mãe me ensinou: é necessário ser um técnico da técnica.

Silenciosa placa de metal. Ao mesmo tempo, a obra repousa nela.

“PERGUNTÕES

Um sistema de desvínculos: para que os calados não se façam perguntões, para que os opinados não se transformem em opinadores. Para que não se juntem os solitários, nem a alma junte seus pedaços. O sistema divorcia a emoção do pensamento como divorcia o sexo do amor, a vida íntima da vida pública, o passado do presente. Se o passado não tem nada para dizer ao presente, a história pode permanecer adormecida, sem incomodar, no guarda-roupas onde o sistema guarda seus velhos disfarces. O sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história ao invés de fazê-la. As tragédias se repetem como tragédias.” (Eduardo Galeano)

“O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

O crânio de Luzia, a ‘primeira brasileira’, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobreviveram à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No sem tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa.

O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável.

O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista.

O Museu Nacional queimando. A PM impedia as pessoas de avançar para tentar salvar alguma coisa.

O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

Brasil, é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

[...]

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer.

Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora. Sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

[...]

O Brasil está queimando.

E o meteoro estava dentro do museu.” (Eliane Brum)

HELP

AYUDA

AIUTARE

NDIHMĚ

HILFE

LAGUNDU

AJUDA

AXUDA

AIDE

ÈD

IRANLOWO

HJÁLP

AUXILIUM

POMOC

CAAWIN

HJÄLPA

YARDIM

USIZO

É preciso muita poesia para suportar tanta perda

E... “viver não é preciso” (Fernando Pessoa)

Aonde encontrar a doçura do Rio Doce?

Imagino muitos

minutos

de

silêncio

O som do vento

O estalar do fogo, das chamas

A água que não estava nos hidrantes

O rosto perplexo

de todo o mundo que presenciou o

Incêndio do Museu Nacional

Em uma carta deixada por uma das vítimas da segunda guerra mundial, para os educadores, dizia:

"Prezado Professor, sou sobrevivente de um campo de concentração.

Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver.

Câmaras de gás construídas por engenheiros formados.

Crianças envenenadas por médicos diplomados.

Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas.

Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades.

Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação.

Meu pedido é: ajudem seus alunos a tornarem-se humanos.

Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis.

Ler, escrever e saber aritmética, só serão importantes se fizerem nossas crianças mais humanas."

"PALAVRAS

Entender como uma palavra, escolhida ao acaso, pode funcionar como uma palavra mágica para escavar campos da memória que descansavam sob a poeira do tempo. " (Giani Rodari)

MICHEL DE GHELDERODE

Um cego guiando outro

E lá estávamos

Depois de percorrer

As ruas do centro da cidade

anonimamente

com os olhos de quem abandona

o espírito

para entregar-se

à análise

Como um ser de outro planeta

Até que se chega a este

Outro lugar

Escuro, fechado, secreto

E dentro daquelas paredes

Negras

Imitamos o que nos ensinaram

Tentamos aprender a apreender

a alma

o que anima

Da onde vem o movimento

As sutilezas das relações

O dedo que aponta para a ferida

Tanta crueldade

Toda beleza na feiura

e toda a feiura na beleza

Num coral de mudos

Eu danço conforme a música

Surdamente

“Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
ao ponto de ninguém e de nuvem.

Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na
sarjeta.

Sou mais a palavra ao ponto de entulho.

Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las
pro chão, corropê-las

até que padeçam de mim e me sujem de branco.

Sonho exercer com elas o ofício de criado:

usá-las como quem usa brincos.” (Manoel de Barros)

Me encontre no final, quem sabe?

Todavia sigo

Continuo

Daqui jaz saudade, como parte, em alguma parte

Batimentos cardíacos

Ininterruptamente

Nesse instante

Dando um ritmo

E um pouco de silêncio

Entre uma batida e outra,

A pausa

Preenchidos de silenciosos sentidos

Silenciosas pálpebras que se abrem e fecham

Para ler essas frases

Um espaço vazio

A invenção do zero

O nada

A serpente que morde o rabo

Donde vem o infinito

E para onde ele volta

Filho de seu tempo

Somos filhos do nosso tempo

O fio do tempo

O relógio das gerações

Desamparadas

Em processos de enlouquecimento

Corpos que não se enquadram

Corpos que não se comportam

Desvios

Herdeiros

Filhos de um determinado tempo

E por um tempo determinado

A escuta

Sentido primeiro

que se desenvolve

no útero

responsável

ao longo da evolução

pelo cuidado

pelo aviso

pelo alerta

Encontra na música

Um dos mais antigos

Acalentos da alma

Capaz de produzir

Estímulos que vão

Desde o relaxamento

Ao êxtase

Tanto individual

Quanto

C o l e t i v a m e n t e

A linguagem nos liberta
As palavras expressam
Nosso interior
Enquanto aprisionam
Este tempo-espaço
Essas palavras
São minhas?
Ou são as que
Eu aprendi?
Qual a língua de duas pessoas
Que não possuem a mesma língua?
Qual a língua que eu falava antes de fluir
Esse rio de ideias
Ideais, sentimentos
Abstratos
Abstrações
Irracionais?

Eu olho para as minhas mãos
E enxergo
As mãos de minha tia avó
Encontro traços das de minha mãe
Também
Apesar da aparência
Minhas mãos não tocam piano
Ou fazem gravuras
Não possuem esse treinamento muscular

3kg de pele no corpo

Km e Km de pele de asfalto

De chão batido, de neve, de mar

De deserto, de grama, de brita,

Os lugares

Que eu visitei

Me visitam constantemente

Me invadem

Me transportam

É necessário

Uma quietude para habitar

Para se habituar

Para construir

Personagens

Para ser estudante

Para ser professor

Não. Professor, não.

Educador

AO ENTRAR, TIRE OS SAPATOS

Nas portas das salas e dos estúdios
Do Departamento de Arte Dramática da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Encontra-se essa frase

AO ENTRAR, TIRE OS SAPATOS

Stanislavky dizia que ao tirar os sapatos para entrar em sala de trabalho
Em uma sala de ensaio
O ator está deixando do lado de fora
O cotidiano
Não é um ato de esquecimento
Ou de renúncia
Ou de repulsão
NÃO
É um ato de respeito
Há uma ética necessária para ser “gente de teatro”
Para se ter essa profissão

A profissão de meu pai

Meu pai era garoto propaganda.

Recordo de entrar nos lugares ao seu lado e ver as pessoas em uma grande comoção, cumprimentando-o e interagindo com ele. Eu perguntava, “pai, você conhece essas pessoas?” e ele me respondia que não. Mas era como se conhecesse, como se fosse íntimo.

Meu pai era íntimo da noite.

Meu pai era apaixonado pela vida. Intensamente.

Despertava cedo, nem todas as manhãs, mas possuía uma disciplina para seus exercícios diários, os quais realizava em qualquer lugar do mundo, aonde estivesse.

Dono de uma voz aveludada, especialmente dotada de um timbre maravilhoso, era locutor, ator, - de teatro, de televisão, de cinema -, diretor, professor, escritor, poeta, dramaturgo.

Era um homem de teatro.

Gostaria de revelar um segredo agora.

Meu pai adorava televisão.

Pai,

Eu vou manter em segredo o que nos aconteceu na última vez em que nos vimos.

Quero te dizer que me lembro quando me contaste que quando criança tu vendias sonhos na estação férrea de Montenegro, e para mim, nunca deixastes de vender sonhos, eles apenas transformaram-se em outra matéria.

Carrego comigo o que me disseste na minha formatura, quando me entregaste o meu diploma, tu disseste:

“O nosso trabalho é alertar para a vida e para o amor”.

Sigo os teus passos.

Com carinho,

Tua filha Carolina